

Sobre os protestos de 11 de julho em Cuba

Via [Comunistas](#)

Seis dias após os eventos e após uma análise minuciosa, Comunistas dá a conhecer sua posição oficial sobre os protestos ocorridos em Cuba no domingo passado, 11 de julho.

Quase simultaneamente e com maior ou menor intensidade, no domingo 11 de julho Cuba experimentou uma série de explosões sociais que cobriram pelo menos 6 das 14 províncias que compõem o país. Nos 62 anos desde o triunfo da Revolução liderada pelo Comandante Fidel Castro, Cuba nunca havia enfrentado uma situação como esta.

Embora os primeiros protestos tenham inicialmente começado pacificamente, quase todas as manifestações acabaram sendo marcadas pela violência, que foi exercida por ambos os lados. Esta série de manifestações anti-governamentais simultâneas é um evento nunca visto antes em Cuba socialista. Este é um fator necessário a ser levado em conta para compreender os eventos.

Vale lembrar que os últimos protestos em massa em Cuba datam de 5 de agosto de 1994, mais tarde conhecido como o Maleconazo, que foi contido em poucas horas com a presença de Fidel Castro no local. Uma demonstração de 200 pessoas cantando slogans anti-governo em um local central é quase inconcebível na sociedade cubana. Entretanto, pelo menos em Havana, uma marcha espontânea de pelo menos 3.000 pessoas foi realizada.

Os eventos em Havana

Os protestos – desencadeados por uma manifestação na cidade de San Antonio de los Baños, localizada a não mais de 100

quilômetros da capital – espalharam-se rapidamente para Havana. Pouco depois das 15h00, horário local, cerca de 200 pessoas tomaram o Parque de La Fraternidad, localizado centralmente, mudando-se depois para o Capitólio (a sede oficial do Parlamento).

Durante a primeira hora do protesto, as prisões policiais foram isoladas, permitindo, pelo menos tacitamente, que os manifestantes se movessem em direção ao Parque Central Máximo Gómez, localizado entre a embaixada espanhola e a sede do Escritório Nacional da União dos Jovens Comunistas. Naquela época, mais de 500 pessoas estavam pacificamente reunidas na esplanada do parque, enquanto as prisões continuavam a ser feitas pontualmente.

Mais tarde, um grupo de aproximadamente 100 pessoas, agitando bandeiras cubanas e do Movimento 26 de Julho, com slogans socialistas e pró-governamentais, assumiu pacificamente o Parque Máximo Gómez. Ao mesmo tempo, outros grupos ligados ao Partido Comunista e à União dos Jovens Comunistas, juntamente com cadetes do Ministério do Interior, acabaram ocupando a área.

Os manifestantes se desmobilizaram voluntariamente e parecia que em Havana, pelo menos onde eles se originaram, os protestos tinham terminado, quase pacificamente. Mais tarde, no entanto, ficou conhecido que a marcha se tornou uma longa manifestação, que percorreu importantes ruas de Havana. Com o progresso da marcha de protesto, as pessoas se juntaram, com fontes não oficiais relatando entre 2000 e 3000 manifestantes cantando slogans anti-governamentais.

A certa altura, os manifestantes decidiram se dirigir para a emblemática Praça da Revolução, onde se encontram a sede da presidência, o Comitê Central do Partido Comunista, o Ministério do Interior, o Ministério das Forças Armadas e os principais jornais nacionais. Nas proximidades da Plaza de la Revolución, a manifestação foi repelida pelas forças da lei e

da ordem e por grupos civis pró-governamentais, levando a confrontos violentos entre os dois lados, que resultaram em um número desconhecido de prisões e feridos.

Ao mesmo tempo, na Calzada de 10 de Octubre, Havana, ocorreram fatos gravemente violentos, onde dois carros da polícia foram derrubados. Posteriormente, foram divulgados vídeos de atos graves de vandalismo, incluindo o apedrejamento de um hospital infantil. A morte do civil Diubis Laurencio Tejeda foi confirmada durante os protestos. Nenhuma outra morte foi relatada até agora como resultado das manifestações. A violência, principalmente com pedras e paus, foi exercida tanto pelos manifestantes quanto pelos civis que saíram para confrontá-los. O número de pessoas feridas em ambos os lados é desconhecido. O número de pessoas presas no local também é desconhecido, assim como quaisquer prisões posteriores ligadas aos protestos. Ainda não sabemos o número de cidadãos que seis dias depois ainda estão em detenção irregular.

Enquanto os protestos ocorriam em Havana, eventos semelhantes ocorreram nas cidades de Bayamo, Manzanillo, Camagüey, Santiago de Cuba, Holguín, entre outras de menor intensidade, que também terminaram, ou mesmo começaram, de forma violenta.

Origem e essência dos protestos

Os protestos ocorridos em Cuba em 11 de julho não podem ser entendidos como um confronto entre contra-revolucionários e comunistas, como o governo tentou fazer; nem de pessoas oprimidas contra a ditadura, como a propaganda burguesa insistiu; nem de classe trabalhadora revolucionária contra a burocracia politicamente degenerada.

Os protestos de 11 de julho reuniram as três perspectivas ao mesmo tempo: organizações contra-revolucionárias – pagas pelos EUA – atacando violentamente o Partido Comunista; grupos de intelectuais sentindo suas liberdades civis severamente cerceadas enfrentando a censura; e a classe trabalhadora

exigindo do governo melhorias em suas condições de vida. Entretanto, embora esta última variante fosse a maioria esmagadora, ela não pode ser entendida como uma massa socialista politicamente consciente, exigindo mais socialismo da burocracia estagnada.

Os protestos de 11 de julho podem ser caracterizados em nove pontos essenciais:

1 – A grande maioria dos manifestantes não estava ligada a organizações contra-revolucionárias, nem os protestos foram liderados por organizações contra-revolucionárias. A principal causa das manifestações foi o descontentamento gerado pela terrível escassez causada pela crise econômica, as sanções econômicas impostas pelo governo dos EUA e a gestão questionável e ineficiente da burocracia estatal. Foi a escassez de alimentos e produtos de higiene pessoal, a existência de lojas em moeda livremente conversível que só podem ser acessadas através de moeda estrangeira e que acumulam uma parte importante do fornecimento de produtos básicos; as longas filas para comprar alimentos básicos como pão; a escassez de medicamentos; a restrição ao depósito de dólares em dinheiro nos bancos; o aumento dos preços dos serviços públicos (o transporte em Havana aumentou o preço das tarifas em 500%); o corte das gratificações; o aumento drástico da inflação; o aumento do preço dos produtos básicos; e os longos cortes de energia, os fatores objetivos que provocaram um cenário propício a uma explosão social.

Ao mesmo tempo, não esqueçamos que Cuba está passando por sua maior crise econômica em 30 anos. Cuba precisava da visita de 4 milhões e 500 mil turistas e de preços estáveis no mercado internacional para que seu Produto Interno Bruto crescesse pelo menos 1% em 2020. Em 2020, Cuba recebeu apenas 23% dos turistas necessários, ou 1,5 milhões de turistas, e a economia mundial entrou em crise. O declínio dos visitantes estrangeiros resultou na perda de cerca de 3 bilhões de dólares em 2020. Cuba importa cerca de 80% de seus alimentos e

o governo gasta 2 bilhões de dólares com isso.

Exceto por uma modesta recuperação na China, todos os outros parceiros comerciais de Cuba caíram em recessão econômica. Em junho de 2021, Cuba havia recebido apenas pouco mais de 130.000 turistas. A maior parte das reservas do país havia sido consumida até 2020. Os custos do cuidado público ao lidar com o coronavírus causaram sérios danos à economia cubana. A isto devem ser acrescentadas as severas sanções impostas por Donald Trump, que não foram levantadas pelo Presidente Joe Biden, intensificando o já acumulado impacto do bloqueio.

Entretanto, as razões pelas quais a economia cubana está em crise não importam para a família trabalhadora no momento de servir à mesa, ainda mais quando a legitimidade política do governo está se deteriorando progressivamente.

2 – A legitimidade política do governo está consideravelmente diminuída. O discurso político oficial está longe de ser eficaz; ele não chega aos jovens. A propaganda política das organizações oficiais da juventude é estranha aos jovens. Como exemplo disso, havia um grande número de jovens entre os participantes nos protestos (um número exato é impossível de dar no momento). Ao mesmo tempo, o desgaste político de vários anos de crise e os erros acumulados da administração do Estado em geral têm um impacto. Além disso, falta ao atual governo a legitimidade política da liderança histórica da Revolução. A separação entre a liderança do país e a classe trabalhadora está se tornando cada vez mais visível, e uma lacuna nas condições de vida está sendo posta em questão.

3 – Os protestos tiveram origem em bairros operários e com os maiores problemas sociais. A desigualdade social é um problema crescente na sociedade cubana. Pobreza, negligência social, precariedade das políticas públicas e sociais, oferta limitada de alimentos e produtos básicos do Estado, bem como políticas culturais empobrecidas, são características predominantes nos bairros periféricos ou de baixa renda. Nessas áreas, a

consciência política tende a diminuir, com os rigores da precariedade e da sobrevivência prevalecendo sobre a ideologia. Além disso, o discurso político muitas vezes corre paralelamente às necessidades diárias das pessoas que trabalham. Em contraste com esta situação socioeconômica, na imaginação destes bairros economicamente vulneráveis, a liderança do país está associada a altos padrões de vida.

4 – Os protestos não tiveram um caráter majoritário. A maioria da população cubana continua a apoiar o governo. Embora seja verdade que os manifestantes tiveram apoio entre alguns dos moradores das áreas onde os eventos ocorreram, um importante setor da população também rejeitou e tem rejeitado os protestos. Embora os protestos em Havana geralmente reunissem cerca de 5.000 pessoas, seria uma completa falta de objetividade dizer que as manifestações tiveram apoio majoritário. Apesar da deterioração política sofrida pelo governo cubano, este está aproveitando o capital político da Revolução, capitalizando a imagem de Fidel Castro e mantendo a hegemonia sobre o imaginário socialista. É em grande parte graças a esses fatores que ela alcançou uma legitimidade política considerável entre as maiorias.

5 – Não houve slogans socialistas nos protestos. Os slogans lançados nas manifestações focalizaram “Patria y Vida”, “Libertad”, “Abajo a la dictadura” e as ofensas contra o Presidente Miguel Díaz-Canel. “Patria y Vida” é um slogan nascido de uma canção abertamente de direita, propagandizada a partir de Miami e pela oposição de direita. Os outros slogans mencionados têm o caráter de exigências de liberdade dos cidadãos, o que não implica em exigências socialistas. Além das exigências contra a censura e da exigência de maiores liberdades civis, o slogan “Abajo a la dictadura” é um slogan usado e capitalizado pela direita cubana e a contra-revolução. Membros do Conselho Editorial dos Comunistas falaram com vários manifestantes que não eram contra Fidel Castro ou o Socialismo, mas que exigiam melhores condições de vida.

Entretanto, esta diferenciação não foi explicitada nos protestos.

6 – Um setor minoritário de intelectuais estava ligado aos protestos. Um grupo minoritário de intelectuais, agrupados principalmente no movimento 27N, exigiu liberdades civis, centradas no direito à livre criação e expressão. Entretanto, este não era o caráter central dos protestos. Em grande medida, isto se devia ao fato de que as exigências da intelligentsia dissidente não respondiam às necessidades da maioria, que exigiam exigências básicas para uma vida melhor.

7 – O lumpemproletariado desempenhou um papel significativo. Nos protestos, o lumpemproletariado desempenhou um papel importante. Estes grupos se envolveram em saques e vandalismo agressivo, o que distorceu o início pacífico das manifestações em Havana.

8 – É cada vez mais certo que a propaganda da contra-revolução teve um caráter organizador nos protestos. Embora este não tenha sido o principal fator que desencadeou os protestos, é inegável que uma forte campanha de direita foi orquestrada a partir dos Estados Unidos em redes sociais, abertamente focada na derrubada do governo cubano. Esta campanha teve um forte impacto sobre um setor significativo da população. É preciso ter em mente que 4,4 milhões de cubanos têm acesso às redes sociais a partir de seus telefones celulares.

9 – As manifestações acabaram sendo marcadas pela violência. Em Havana, inicialmente, exceto por eventos isolados, as manifestações no centro da capital foram pacíficas. Entretanto, na capital, a manifestação degenerou num sério confronto com as forças policiais e cidadãos pró-governamentais quando os manifestantes tentaram obter acesso à Praça da Revolução, onde estão localizados o Comitê Central do Partido Comunista, a sede do governo, o Ministério do Interior, o Ministério das Forças Armadas Revolucionárias e a sede da maioria dos jornais nacionais. Naquela época, a

violência irrompeu de ambos os lados, causando ferimentos graves a civis. Ao mesmo tempo, grupos violentos realizaram atos de vandalismo e atacaram militantes comunistas e apoiadores do governo com bastões e pedras.

Por que o camarada Frank García Hernández, fundador de nosso Comitê Editorial, foi preso?

O camarada Frank García Hernández, que estava a caminho da casa de uma amiga, com quem estava desde o início da manifestação, acabou acidentalmente no local dos violentos confrontos ocorridos perto da Plaza de la Revolución, mas no momento em que eles estavam chegando ao fim. O camarada Frank estava presente no protesto desde o início, mas como membro do Partido Comunista. Quando os manifestantes deixaram o Parque Máximo Gómez (por volta das 18:00 horas), Frank e o camarada assumiram que o protesto tinha terminado, razão pela qual ambos foram para a casa da garota. Ela vive a menos de 200 metros de onde ocorreram os violentos confrontos entre os manifestantes e a polícia, que tentavam impedir a entrada do protesto na Plaza de la Revolución.

Segundo o camarada Frank, quando chegaram à esquina das ruas Ayestarán e Aranguren, foram disparados tiros para o ar. Ambos acabaram dentro de um grupo pró-governo que marchava acompanhado por policiais. Naquele momento, o camarada Frank encontra acidentalmente Maykel González, diretor da revista de direitos pró-LGBTIQ Tremenda Nota, uma publicação que reproduziu os textos de Comunistas. Maykel González tinha participado do curso dos acontecimentos, desde o nascimento da marcha até os eventos violentos entre os dois grupos, juntando-se aos manifestantes, embora sem realizar nenhum ato violento.

Assim como os protestos estavam chegando ao fim na presença do camarada Frank García, um policial prendeu Maykel González, acusando-o falsamente de ter jogado pedras nas forças da ordem pública. Diante disso, o camarada Frank García, como militante

do Partido Comunista, tentou interceder calmamente entre o oficial e Maykel González. Enquanto tentava convencer o policial, pedindo-lhe que não prendesse Maykel Gonzalez, Frank Garcia também foi preso pelo oficial. O policial acusou Frank de atos violentos e de estar do lado dos manifestantes. Esta acusação foi mais tarde provada como falsa pelas autoridades.

A prisão ocorreu por volta das 19 horas. Os dois foram levados para a delegacia de polícia. Ambos foram levados para a delegacia de polícia mais próxima. Em seguida, por volta da 1h30 da manhã, Frank foi levado para outro centro de detenção, onde os fatos foram imediatamente esclarecidos, provando que ele não havia participado de nenhum ato violento, nem do grupo que se opunha às manifestações. Junto com o diretor do Tremenda Nota, Maykel González Vivero, o camarada Frank García Hernández foi liberado na segunda-feira, 12 de julho, por volta das 20:00 horas. Durante sua detenção de pouco mais de 24 horas, Frank afirma que ele NÃO foi abusado fisicamente ou torturado de nenhuma forma. Frank García não está atualmente em prisão domiciliar, mas está sob uma medida preventiva onde sua capacidade de locomoção é regulada, limitada a seu local de trabalho e acesso médico. Entretanto, Frank não é obrigado a fazer qualquer declaração às autoridades sobre seus movimentos diários. A medida legal faz parte do procedimento a ser seguido até sua não-participação em atos violentos e a demonstração ser oficialmente comprovada.

O Conselho Editorial dos Comunistas agradece a onda avassaladora de solidariedade internacional que foi levantada para exigir a libertação de Frank García Hernández. Os comunistas publicarão em breve um relatório detalhado sobre a campanha internacionalista, no qual daremos justo reconhecimento às pessoas e organizações que lutaram pela liberdade de nosso camarada.

Vale ressaltar que nenhum outro membro do Conselho Editorial, colaborador ou camarada próximo a nossa publicação foi preso durante os protestos. Com base em nosso senso básico de

justiça revolucionária, isto não nos impede de exigir a libertação imediata dos demais presos durante as manifestações de 11 de julho, desde que não tenham cometido ações que tenham tentado contra a vida de outras pessoas.

Em algum lugar de Cuba, 17 de julho de 2021, Comitê Editorial dos Comunistas

OBSERVAÇÃO: Como esta declaração vai para a imprensa, Comunistas está ciente do chamado tanto do governo quanto da oposição para tomar as ruas. Parece que ambos os lados solicitaram um comício no mesmo ponto de Havana, conhecido como La Piragua. Comunistas rejeitam ambas as chamadas como irresponsáveis, considerando a gravidade da situação de saúde com o coronavírus, com mais de 6.000 casos por dia. Mas condenamos ainda mais fortemente qualquer possível ato de violência que possa ocorrer no confronto entre os dois grupos.